

# Junção em mudança: reanálise morfossintática e redes polissêmicas de *que nem*

Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi<sup>1</sup>

## 1. Apresentação

O objeto de investigação deste trabalho são as construções de junção com *que nem*, que mostram alta produtividade em textos da modalidade de enunciação falada do português, onde atuam no estabelecimento de uma relação semântica de comparação de igualdade. No exemplar em (01), extraído de um inquérito da amostra IBORUNA, há uma associação, por comparação, entre propriedades do quiabo e o modo de nascimento do bebê, uma associação que é qualitativa por natureza:

(01) ela teve o nenê em cima da cama lá... o nenê guspiu **que nem** quiabo pra fora... e num deu tempo de NADA... nem de levá(r) pra sala de parto... (AC:030)

Nas línguas, a heterogênea classe dos juntores é propensa à constante renovação, revelando grande flutuação formal e semântica. Meillet (1948) já salientava a instabilidade inerente aos juntores e a procedência diversa desses itens, afirmando que "les origines des conjonctions sont d'une diversité infinie. Il n'y a pas d'espèce de mot qui ne puisse livrer des conjonctions". Para ele, a formação de juntores é uma instância de gramaticalização, processo de mudança que alimenta a gramática da língua. No português, é nítida a

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP-SJRP/CNPq).

instabilidade do sistema conjuncional no âmbito da comparação: além de *que nem*, o repertório dos jutores tem sido ampliado com a inclusão de *tipo*, *igual* e *feito*, palavras que funcionavam exclusivamente como formas livres.

A formação de jutores baseados em *que* foi uma tendência do latim vernáculo, que se generalizou nas línguas românicas (Maurer, 1959), sendo hoje, em português, uma das estratégias mais férteis na produção de jutores. Dos vários canais de derivação de novas perífrases, destacam-se, pela frequência de realização, os canais adverbial e verbal, de *que só que* e *vai que* são exemplos recentes (Longhin-Thomazi, 2003, 2010). Nesse respeito, *que nem* tem comportamento excepcional: enquanto as tantas perífrases conjuncionais são do tipo *x que*, a formação de *que nem* foi favorecida pela anteposição de *que a nem*, que passaram a codificar modo-comparação, revelando um alto grau de opacidade frente aos sentidos das partes componentes.

Por um lado, há evidências de tratar-se de um fenômeno de gramaticalização, já que palavras já pertencentes à gramática da língua, combinadas numa certa ordem, perderam e ganharam traços morfossintáticos e semânticos, passando a constituir uma construção ainda mais gramatical. Por outro, não há clareza acerca dos contextos que condicionaram essas alterações, nem acerca do funcionamento da construção complexa que *que nem* ajuda a formar, sobretudo quando consideramos as ocorrências de (02) a (04), que permitem vislumbrar diversos esquemas sintáticos e nuances semânticas:

(02) depois que você assô(u) o bo::lo você coloca essas três clara... batida com açúcar por cima **que nem** um suspiro... e volta lá no forno (AC:142)

(03) (...) era tudo mais VE::lho assim... tudo rabiscado agora não... hoje já é bonito:: as carteiras são todas no::vas **que nem** eu te falei né? (AC:042)

(04) Doc: cê lembra como é por dentro?

Inf: ai lembro... tem bastante pintura... os vidros todos coloridos assim... mas ela é pequena assim... **que nem** vai ter a nossa missa da formatura da... da formatura num vai caber ninguém lá sabe? (AC:042)

O dicionário Houaiss (2001) registra a locução *que nem* e atribui possíveis paráfrases com *do mesmo modo que* e *como*, sugerindo que a relação de sentido estabelecida é de “equivalência de modo” ou “comparação”.

No entanto, as gramáticas normativas ainda hesitam em elencar *que nem* no conjunto das conjunções modo-comparativas. Aliás, o próprio domínio de modo não tem mais lugar na abordagem tradicional, desde que a NGB optou pela distribuição – não sem problemas – das orações modais pelas classes das conformativas e das comparativas (Azeredo, 1997). Em todo caso, é evidente, de acordo com (02)-(04), que o sentido de modo-comparação não é o único veiculado por *que nem*. Em (02), *que nem* descreve o modo de manifestação do conteúdo do predicado, mas, em (03), codifica conformidade por meio de um ato ilocucionário distinto e, em (04), acrescenta um modo de ilustrar, que é uma espécie de elaboração, a ser devidamente qualificada ao longo do trabalho. Há, portanto, diferentes padrões funcionais de *que nem*, que ainda aguardam por descrição<sup>2</sup>.

À luz dessas considerações, este trabalho persegue dois objetivos principais: (i) descrever as construções com *que nem* a partir do pareamento entre forma e significado, com o intuito de identificar e caracterizar seus diferentes padrões de funcionamento; e (ii) avaliar até que ponto fontes sincrônicas do português ajudam a desvendar etapas do processo de constituição de *que nem*, tendo em vista as tendências diacrônicas sobre mudança de juntores nas línguas, tais como abordadas em Kortmann (1997).

Para tanto, adoto um modelo de junção de base funcionalista, que pressupõe o cruzamento entre o sistema de taxa e o sistema semântico-cognitivo. Assumo que qualquer relação semântica pode se resolver em diferentes ambientes sintáticos, com arranjos que são tipicamente paratáticos, hipotáticos ou que estão na fronteira indecisa entre parataxe e hipotaxe, o que desafia a dicotomia tradicional entre coordenação e subordinação. Além disso, da perspectiva morfosintática, elejo critérios para examinar o caráter conjuncional de *que nem* e para levantar hipóteses explicativas sobre a reanálise categorial e, da perspectiva semântica, investigo a rede polissêmica subjacente a *que nem*, defendendo que há relações de parentesco semântico entre as acepções do juntor e que essas relações se dão em um único domínio conceitual, com a especificação das relações modais.

## 2. Fundamentos teóricos

### 2.1 Tendências em gramaticalização de juntores

Seguindo Heine (2003), entendo *gramaticalização* em dois sentidos:

<sup>2</sup> Há casos em que, provavelmente pelo uso frequente, a construção com *que nem* assume uma feição cristalizada, conforme as ocorrências: (i) vai BÊbedo me(s)mo **que nem** ele só (AC:079); e (ii) comemos **que nem**... lou::cas... né? (AC:018). Dados desse tipo não serão considerados aqui.

como um processo gradual e histórico de mudança linguística em que construções menos gramaticais são usadas, em contextos específicos, para codificar construções mais gramaticais (p.e, processo de constituição de *que nem*); e como uma teoria que fornece subsídios teórico-metodológicos para a reconstrução da gênese e desenvolvimento da linguagem humana.

Os processos de gramaticalização desafiam o conceito de categorização discreta e os padrões de *que nem*, com suas fronteiras nem sempre precisas, são sintomas dessa não-discretude. Nos estudos em gramaticalização, a grande flutuação de forma e de função é capturada por meio de representações escalares do tipo *cline*, que têm consequências distintas, a depender da perspectiva sincrônica ou diacrônica (Hopper e Traugott, 1993): na sincrônica, o *cline* permite arranjar os diferentes padrões de um item ou construção em função do aumento de gramaticalidade, sem implicar relações de derivação entre eles. Já na diacrônica, o *cline* representa uma trajetória temporal de desenvolvimento, com relações de precedência entre os padrões.

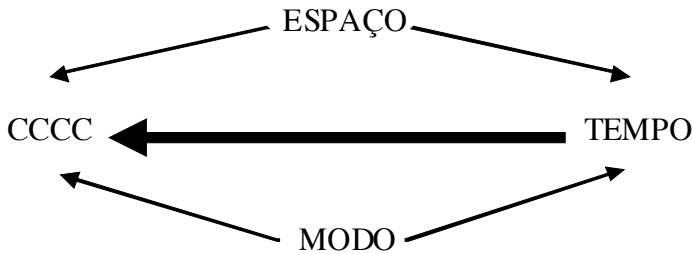
Como método científico de reconstrução linguística, a gramaticalização repousa em regularidades na evolução das construções gramaticais como, por exemplo, no princípio de reconstrução semântica, referido por Traugott (1986), pelo qual os sentidos que estão na fonte das derivações na sincronia da língua são justamente os mais primitivos na diacronia da língua, o que equivale a afirmar que significados adjacentes sincronicamente também o são diacronicamente.

Outro aspecto da regularidade na evolução é a direcionalidade da mudança. A direcionalidade da gramaticalização está inscrita na própria definição do processo, que sinaliza ganho de informação gramatical, e não o contrário. Mas a direcionalidade também pode ser verificada em cada uma das alterações que caracterizam o processo de gramaticalização como um todo. Essas alterações são abordadas por Heine e Kuteva (2007) em termos de quatro mecanismos: *extensão contextual*, *dessemantização*, *descategorização* e *erosão*. A singularidade da gramaticalização é garantida, segundo os autores, pela interação entre esses mecanismos, que juntos compõem uma ferramenta para investigação de casos de mudança. Neste trabalho, em função dos objetivos e recortes estabelecidos, privilegio o exame das alterações semânticas e morfossintáticas.

Quanto às alterações semânticas, dada a predisposição derivacional existente entre as relações de sentido, Kortmann (1997) propõe, em estudo tipológico sobre gramaticalização de jutores adverbiais nas línguas da Europa, um arranjo que reflete não só os canais derivacionais, mas também a produtividade inerente aos canais. Para isso, ordena as relações

semânticas em quatro macrossistemas, dentro dos quais se desdobram conjuntos de relações com elos de parentesco, que explicam padrões de polissemia nas línguas: Modal (modo, similaridade, comparação, conformidade, proporção, instrumento), Espacial (lugar, espaço, adição, substituição, preferência, concomitância), Temporal (simultaneidade, anterioridade, posterioridade, contingência, concomitância) e CCCC (causa, razão, condição, concessão, contraste, resultado).

Segundo Kortmann, nos desenvolvimentos históricos, a mudança semântica é direcional, os caminhos são condicionados pelas relações polissêmicas que se dão dentro e entre os sistemas semânticos, apontando um aumento de complexidade cognitiva, conforme indicado no Esquema 1, que mostra afinidades maiores e menores entre as relações: (i) todas as relações podem dar lugar a CCCC, mas não vice-versa; (ii) lugar e modo virtualmente não têm afinidades semânticas e alimentam os demais sistemas; e, (iii) tempo é o canal de derivação mais produtivo para as relações CCCC, o que é sinalizado pela espessura da seta.



Esquema 1: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais (Kortmann, 1997)

Há pouca literatura sobre gramaticalização de juntores comparativos, e os trabalhos sobre o tema em geral se referem à comparação de desigualdade. Da perspectiva tipológica, segundo Stassen (1985), que se baseou numa amostra de 110 línguas, os juntores comparativos têm paralelo com uma série de construções, e esse paralelo fornece evidências para a recuperação do processo de derivação histórica que fez emergir os comparativos. Para Stassen, as classes que mais frequentemente nutrem o domínio das comparativas são as construções aditivas, disjuntivas, adversativas, negativas, consecutivas e, sobretudo, orações relativas. Haspelmath e Buchholz (1998), que investigaram as comparativas de igualdade em línguas da Europa, constataram que a fonte está principalmente nas orações relativas:

It is often suggested in the literature that comparative constructions are synchronically derived by reduction from relative clauses (e.g. Lees (1961)). This may be so in some cases, but in any event relative clauses are the diachronic sources of certain types of comparative constructions. (Haspelmath e Buchholz, 1998, p. 288)

Na descrição de fatos da história do português brasileiro, Maurer (1967) aborda a emergência das comparativas. Ele afirma que as línguas românicas conservaram da língua latina duas alternativas para introduzir o segundo membro da comparação: a preposição *de* e a conjunção *quam*. A emergência da locução *do que*, para marcação de comparação de superioridade é, para ele, fruto de um conjunto de mudanças envolvendo o pronome pessoal neutro *o* e o pronome relativo *que*, cujas alterações categoriais levaram à perda das opções flexionais nominais.

## 2.2 Parâmetros da junção

Nos termos de Halliday (1985) e Martin *et al.* (1997), analiso as construções com *que nem* a partir do encontro entre duas dimensões sistêmicas: o sistema de *taxe*, que diz respeito às relações de (in)dependência entre as orações (se estende também para unidades menores e maiores do que a oração); e o sistema *semântico*, às relações de sentido que legitimam a junção. As opções do sistema de *taxe* são *parataxe* e *hipotaxe*, cuja distinção repousa, em princípio, no estatuto gramatical das unidades envolvidas: se as orações têm mesmo estatuto, a construção é paratática; por outro lado, se os estatutos são desiguais, uma unidade é modificadora e dependente de outra que é nuclear, a construção é hipotática. As opções do eixo tático se articulam com as relações de sentido que se distribuem por outros dois eixos, expansão e projeção, cada um se desdobrando em conjuntos mais específicos de opções. O Quadro 1 representa apenas parte do modelo dos autores, mas é suficiente para dar conta das construções em estudo.

Segundo Halliday, os recursos de expansão de orações são *elaboração*, *extensão* e *realce*, que se resolvem tanto de modo paratático como hipotático. As opções de elaboração consistem em especificar, descrever ou refinar conteúdos. Da combinação entre elaboração e parataxe decorrem construções de paráfrase, exemplificação e explicação e, da combinação com a hipotaxe, as construções relativas apositivas. As opções de extensão consistem em adicionar, alternar, substituir, contrastar e as opções de realce qualificam com traços circunstanciais de lugar, tempo, modo, causa, condição e concessão, ambas com seus respectivos esquemas paratático e hipotático.

EIXO TÁTICO			
		PARATAXE (estatuto igual)	HIPOTAXE (estatuto desigual)
<b>EXPANSÃO</b>	<b>Elaboração</b>	Exposição: P isto é Q Exemplificação: P por exemplo Q Esclarecimento: P de fato Q	Orações relativas apositivas
	<b>Extensão</b>	Co-ordenação de orações: Adição (positiva e negativa): P e Q; não P nem Q Adversidade: não P mas Q Alternância: P ou Q	Hipotaxe de orações em: Adição: P além de Q Adversidade: P apesar de Q Alternância: se P não Q
	<b>Realce</b>	Co-ordenação de orações com traço circunstancial Tempo: P então Q; P e depois Q; primeiro P e Q Espaço: P e aqui/lá Q Modo: P e dessa maneira Q; P do mesmo modo Q Causa: P e por isso Q; P em vista disso Q Condição: P ou por outro lado Q; P caso contrário Q Concessão: P ainda Q; P assim mesmo Q	Orações circunstanciais Tempo: quando P, Q; antes que P, Q; logo que P, Q Espaço: P onde Q Modo: P assim como Q Causa: P porque Q Condição: Se P, Q Concessão: P embora Q

Quadro 1: Modelo de combinação de orações, adaptado de Halliday (1985)

### 3. Decisões metodológicas

O material de investigação compreende inquéritos do banco de dados IBORUNA, que abriga amostras do português falado no noroeste do estado de São Paulo. O material foi coletado sob os critérios da sociolinguística variacionista, e está dividido em amostras censo (AC) e amostras de interação (AI). Para este trabalho, selecionei aleatoriamente quarenta inquéritos da AC. A partir desse material, foram apuradas as frequências *token* e *type*, mostradas na Tabela 1.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
174 (100%)	04		
	Padrão	Valor	Totais
	01	Modo	20/174 (11%)
	02	Comparação	50/174 (29%)
	03	Conformidade	26/174 (15%)
	04	Elaboração	78/174 (45%)

Tabela 1: Frequências de *que nem* nos dados de enunciação falada

A frequência *token* diz respeito ao número total de ocorrências de *que nem* no *corpus* (174, no total), e a *type*, ao número de padrões funcionais e suas respectivas frequências. Com base no cruzamento entre traços do eixo tático e traços do eixo semântico, foram identificados quatro padrões de *que nem*: modo, comparação, conformidade e elaboração. As maiores

frequências são dos padrões de elaboração e comparação, respectivamente, 45% e 29% do total apurado.

#### 4. Estatuto construcional de *que nem*

##### 4.1 Padrão 1: *que nem* de modo

No padrão que denomino modal, *que nem* escopa um predicado, acrescentando-lhe uma caracterização com respeito ao modo de manifestação do conteúdo. Nesse caso, as unidades articuladas por *que nem* têm estatutos diferenciados: a porção acrescida pelo juntor é a modificadora do predicado da oração nuclear antecedente, do que resulta uma configuração sintática tipicamente hipotática. (05) e (06) são ocorrências ilustrativas e respondem, respectivamente, às perguntas “ficar como?” e “cortar como?”. O padrão modal de *que nem* é similar às modais com *como*, ambas as construções têm ordenação rígida e, nesse aspecto, contrariam um traço comum à hipotaxe, que é a ordem variável das orações. As modais com *que nem* são invariáveis.

(05) pra/por causa que o óleo só serve pra::... pra::... molhá(r) a pipoca... pra ela num ficá(r)... **que nem** um queimado por dentro... (AC:013)

(06) (...) uma amiga minha ela tinha o cabelo mais ou menos no ombro... cortaram **que nem** da Giovana Antonelli assim... ficô(u) tudo arperia::do (AC:042)

##### 4.2 Padrão 2: *que nem* de comparação

No padrão 2, *que nem* integra o paradigma das comparativas. Uma construção é comparativa quando dois objetos são comparados em uma escala mensurável. Na literatura específica, as construções comparativas têm sido investigadas principalmente do ponto de vista semântico-cognitivo, com preocupações tipológicas. Nessa linha de investigação, é a comparação de desigualdade que tem recebido mais atenção dos pesquisadores (Ultan, 1972; Andersen, 1983 e especialmente Stassen, 1985). As pesquisas sobre comparativas de igualdade são escassas, com exceção do já citado trabalho de Haspelmath e Buchholz (1998), sobre línguas da Europa.

Segundo Haspelmath e Buchholz, no domínio das comparativas, é preciso considerar as construções *equativas* e as *similativas* que, apesar da proximidade de forma e de sentido, se distinguem por expressarem, respectivamente, comparação de igualdade e similaridade aproximada, como em (07) e (08), adaptados dos autores:



- (07) João é **tão** alto **quanto** Pedro (João e Pedro são igualmente altos)  
 (08) João canta **como** um rouxinol (João canta de modo similar a um rouxinol)

As equativas, exemplo (07), codificam identidade de extensão (altura, largura, tamanho, volume), uma noção que é dimensional. Portanto, elas são essencialmente *quantitativas*. Já as construções similativas, exemplo (08), codificam uma identidade de modo, noção que é multifacetada. Portanto, elas são essencialmente *qualitativas*. Em algumas línguas, equativas e similativas são expressas por meio dos mesmos recursos estruturais como, por exemplo, *wie*, do alemão; mas em outras, como no português (*tão...como; como*) e no francês (*aussi... que; comme*), os recursos são diferenciados. Em geral, nas equativas, mas não nas similativas, os marcadores são descontínuos.

As construções com *que nem* são instâncias de similativas. Expressam, antes de tudo, *modo similar*, que é uma relação de realce, nos termos de Halliday. Com base na proposta de Haspelmath e Buchholz (1998), o esquema de descrição das similativas prevê uma estrutura cognitiva com quatro lacunas, a saber:

1. CMP: elemento comparado;
2. PAR: parâmetro da comparação;
3. MPDR: pivô ou marcador de comparação: introduz o padrão de comparação;
4. PDR: padrão de comparação.

Aplicada essa estrutura à ocorrência em (09) com *que nem*, tem-se:

- (09) O Ronaldinho joga bem mas só que ele:: tá fazendo **que nem** uma criancinha tá querendo fazer graça né? (AC:009)

O Ronaldinho	tá fazendo	que nem	uma criancinha
1 CMP	2 PAR	3 MPDR	4 PDR

O parâmetro (PAR), o elemento comparado (CMP) e o padrão da comparação (PDR) são elementos lexicais, respectivamente, *Ronaldinho*, *fazer* e *criancinha*, e o marcador de comparação (MPDR) é elemento gramatical, o juntor *que nem*. Nessa ocorrência, *Ronaldinho* e *criancinha* são equiparados em relação ao comportamento que ambos têm: não há

uma identificação absoluta, mas sim uma aproximação qualitativa. Nos dados investigados, a classe gramatical que tipicamente atua como CMP e como PDR é a de substantivo, o que corrobora os trabalhos tipológicos de Stassen (1985). Já como PAR, nos dados em análise, atuam preferencialmente verbos de estado, verbos de ação e adjetivos, conforme as ocorrências de (10) a (12):

(10) .. então:: pra mim ele **se tornô(u) que nem** um::... Darth Vader né?  
(AC:148)

(11) ...depois de dobrá(r) o lençol **tem que molhá(r)** ele *que nem* as  
fronha (AC:016)

(12) Inf.: **forte que nem** um... um to(u)ro ... (AC:100)

A Tabela 2 apresenta as frequências para cada categoria:

<b>Classe gramatical do parâmetro (PAR)</b>	<b>Frequência</b>
Verbos de estado (ser, ficar, tomar, virar)	21/49 43%
Verbos de ação (fazer, bater, dobrar, molhar, trabalhar, cuspir, cortar, correr, perder etc.)	19/49 39%
Adjetivos (forte, pequeno, bom, verdadeiro)	09/49 18%

Tabela 2: Estatuto gramatical de PAR

A estrutura em que dois substantivos são cotejados dispara leitura de contraste. Portanto, as similitivas são, nesse sentido, construções de realce expressivo. Enquanto nas comparativas de desigualdade o contraste é mais saliente, fundado numa indicação explícita de preferência; nas similitivas, ele é condicionado pelo paralelismo estrutural. Nessa orientação, Price (1990) e Narbona (1990) defendem que, na comparação de igualdade, o elemento comparado tem pragmaticamente uma função focal privilegiada.

A ocorrência em (13), abaixo, também pode ser explicada pelo mesmo esquema cognitivo. Nesse caso, é estabelecida uma aproximação entre as formas de reprodução da capivara e do coelho. Novamente, trata-se de instaurar uma relação de comparação por similaridade a partir da especificação da noção de modo.

(13) Inf: capivara cada trinta dia cria três ou quatro é **que nem** coelho  
Doc: é reproduz bastante né?  
Inf: reproduz (AC:063)

As similitivas com *que nem* são realizadas, na grande maioria das ocorrências, como construções oracionais reduzidas<sup>3</sup>, em que parte do segundo membro fica elidido e é recuperável a partir de informações do primeiro. Trata-se de um indício do caráter hipotático da construção, um traço de maior dependência. Cuzzolin e Lehmann (2004) argumentam que (parte d) o padrão de comparação pode ser omitido por razões semânticas e pragmáticas. Segundo eles, a entidade que serve de padrão pode ser logicamente pressuposta ou pode ser implicada conversacionalmente. Na mesma direção, Neves e Ilari (2008) afirmam que:

(...) a depender da dimensão do elemento elidido, a recuperação pode se tornar uma tarefa mais ou menos complexa, e a operação não se baseia só no primeiro membro da comparação, mas ainda no texto, na situação, ou no conhecimento partilhado entre falante e ouvinte. (Neves e Ilari, 2008, p. 992)

À distinção entre similitivas e equativas, Haspelmath e Buchholz (1998) acrescentam ainda um terceiro tipo, que denominam *role phrases*, em que o sintagma que codifica o PDR expressa um “papel” determinado histórica e socialmente. A forma de expressão de similitivas e de *role phrases* é a mesma, a distinção, que é bastante sutil, é de base semântica. As ocorrências em (15) e (16) trazem exemplos adaptados dos autores, e (17) é a única ocorrência verificada no *corpus*.

- (15) Ele trabalha como **um engenheiro** (“à maneira de um engenheiro”)  
 (16) Digo isso como **sua mãe** (“no papel de mãe”)  
 (17) você tem que trabalhá(r) que nem **o evangélico...** (AC:023)  
 (“à maneira de um evangélico”)

Os autores sugerem uma relação de precedência em que, diacronicamente, *role phrases* derivam de marcadores de similitivas, num processo de abstração crescente, cujo percurso seria a passagem de “do mesmo modo que” para “no papel de”.

<sup>3</sup> A terminologia é de Price (1990), que propõe uma tipologia para as comparativas de igualdade, em que são reconhecidos três tipos de construções: (i) oracional reduzida (cf. *a jovem é inteligente como seu irmão*); (ii) oracional plena (cf. *a jovem é inteligente como seu irmão parece ser*); e (iii) frasal relativizada (cf. *a jovem é inteligente como seus pais acreditam*).

### 4.3 Padrão 3: *que nem* de conformidade

No padrão conformativo, *que nem* introduz uma oração que expressa o comentário do falante sobre o conteúdo da oração núcleo, e esse comentário representa uma forma de reforçar a veracidade e a pertinência do conteúdo. Mais especificamente, a oração modificadora introduzida por *que nem*, a depender do contexto, tanto pode identificar a fonte de informação no próprio falante, o que é muitas vezes o caso, como nos exemplos (18) e (19), como pode expressar concordância com a opinião do outro, como em (20) e (21).

(18) Inf.: ah::... bonitinhas... antes não... éh::... num era NO::vo sabe?... era tudo mais VE::lho assim... tudo rabisca::do... agora não... hoje já é bonito::... as carte(i)ras são todas no::vas... **que nem** eu te falei né?... que reformaram tudo... (AC:042)

(19) – “óh... fulano lá deu um tiro... lá... óh... fulano lá deu um tiro”– aí vem tudo mundo:: a polícia vem atrás – “ô senhor tem espingarda?”– – “tenho”– leva embora... chega... chega aí... uma hora uma certa hora da noite aí **que nem** aconteceu comigo num [sei] se ocê:: sabe onde é o sítio do L. (AC:063)

(20) Inf.: mas é **que nem** você falô(u)... Sá::vio... Edmun::do... Romá::rio... tudo no Flamengo ali... quem era o técnico?... cê lembra? Doc.: num me lembro (AC:053)

(21) Inf.: é... se você fô(r) analisá(r) tem MUlta coisa errada... porque tem:: vamo(s) supor **que nem** aí que você me disse... tem muito lugar assim com MUlto diNHE(i)ro... depositado MUlto dinhe(i)ro muitos bens (AC:066)

As conformativas com *que nem* têm por característica um contorno entoacional próprio, que as aproxima do eixo da parataxe. Contudo, o estatuto desigual de oração núcleo e modificadora é critério decisivo para situar a construção conformativa mais no terreno da hipotaxe de realce do que no da parataxe. Podem vir antepostas, pospostas ou mesmo intercaladas, cumprindo seu papel de validar o conteúdo enunciado.

Ainda que os três padrões de *que nem* discutidos até aqui – modal, similitivo e conformativo – não apresentem fronteiras absolutamente nítidas, sendo até mesmo parafraseáveis um pelo outro, a análise mostrou que é possível reconhecer aspectos essenciais que garantem a distinção.

Todos têm uma base semântica na noção genérica de modo, mas o confronto entre os padrões modal e o conformativo, por exemplo, revela que o primeiro é fortemente dependente do predicado, ao passo que o segundo, da enunciação. Já o confronto entre o similitivo e o conformativo revela, por sua vez, que no conformativo não há especificação de similaridade entre dois elementos num padrão escalar, não há o traço qualidade, tão característico das similitivas.

#### 4.4 Padrão 4: *que nem* de elaboração

No padrão que denomino elaboração, seguindo a terminologia de Halliday, *que nem* tem um comportamento que excede os arranjos da sintaxe oracional, atuando na articulação de porções discursivas. Mobiliza um esquema tipicamente paratático, fundado no binarismo e na ordem rígida, no qual encabeça segmentos textuais de dimensão variável, acrescentando uma informação que servirá de argumento para validar ou para reforçar um ponto de vista declarado previamente. Esse argumento aparece na forma de uma *exemplificação*, como mostram as ocorrências de (23) a (25):

(23) que o América tem um BAITA d'um estádio... mas... num sabe usá(r)... posso citá(r) **que nem**:: o ano passado... teve (éh) teve / teve a final do Santos aqui... o que tinha de... santis::ta tam(b)ém... e... isso dá lucro só éh:: éh:: pra... pra::... pro time e e e tam(b)ém pra:: cidade. (AC:033)

(24) mas eu acho que vai melhorá(r) sim acho que a tendência é melhorá(r)... **que nem** por exemplo o Hospital de Base tá equipado pa recebê(r) qualquer tipo de doente... (AC:105)

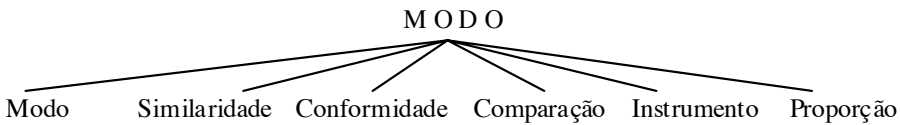
(25) a gente ia sempre lá... tem uma sala enor::me acho que tem três ou quatro banhe::(i)ros... tem uns... é BEM distribuída BEM bonita mesmo... que já num adianta uma casa sê(r) grande **que nem** a minha casa ficô(u) meia grande mas foi mal distribuída (AC:050)

Em (23), *que nem* introduz um fato que reforça a perspectiva do falante de que o América tem um imenso estádio subaproveitado. Em (24), introduz um fato exemplar que acentua a atitude positiva do falante acerca de um futuro melhor. Nos dois casos, o sentido é enfatizado pelas expressões “posso citar” e “por exemplo”, contíguas a *que nem*. Em (25), a exemplificação por meio de *que nem* traduz a crença do falante de que o tamanho da casa não é o mais fundamental. Enfim, todas as ocorrências

partilham a elaboração de um *modo* de argumentar pautado em situações ou eventos exemplares. Assim, seja pela sintaxe mais paratática, seja pela relação argumentativa de elaboração, esse padrão de *que nem* é o que mais se distingue e se distancia dos demais.

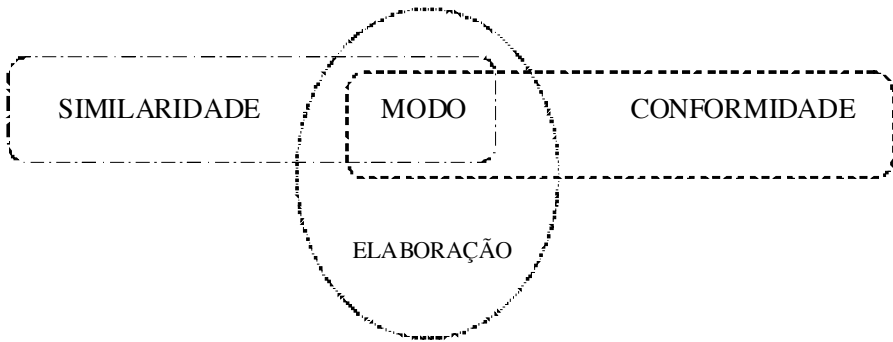
### 5. A rede polissêmica de *que nem*

Como discutido anteriormente, segundo Kortmann (1997), no universo das relações semânticas, o modal é um dos grandes domínios, juntamente com espaço, tempo e CCCC. O modal pressupõe uma série de relações, particularizadas no Esquema 2. Todas se referem a operações mentais primárias para o ser humano, ou seja, são operações que estão mais próximas da realidade sócio-física. Por essa razão, modo é um domínio fonte para expressão de relações de tempo e de CCCC, e nunca um domínio alvo. Isso equivale a dizer que, em termos de tendências, não há um trânsito que leve ao domínio de modo, o trânsito ocorre internamente ao domínio modal, por meio da especificação das relações modais que, como já argumentei, têm múltiplas faces.



Esquema 2: rede polissêmica de modo (cf. Kortmann, 1997)

Segundo Kortmann, dentre os quatro macro domínios, é no domínio das relações modais, particularmente entre as relações de modo, similaridade e conformidade, que se situam os mais altos graus de parentesco semântico. Considerando o Esquema acima, é possível afirmar que a multifuncionalidade semântica de *que nem* flutua entre os significados de modo, conformidade e comparação por similaridade. À maneira do que faz Kortmann, proponho que um possível mapa cognitivo das afinidades semânticas entre as relações modais codificadas por *que nem* teria o seguinte aspecto, com a relação de modo no centro e a elaboração em posição marginal:



Esquema 3: Mapa semântico-cognitivo das afinidades entre as relações modais

## 6. Estatuto conjuncional e reanálise de *que nem*

Kortmann (1997) relaciona uma série de critérios que permitem avaliar o caráter mais e menos prototípico dos juntores. Segundo ele, juntores típicos são formas livres não-flexionáveis, que não cumprem função sintática, não têm posição flexível e não estão restritos a dialetos. Para os juntores perifrásticos, Kortmann sustenta os seguintes critérios: (a) devem exibir uma fusão mínima; (b) devem ter perdido pelo menos algumas de suas propriedades originais; e (c) devem ter pelo menos uma interpretação que não é totalmente recuperável a partir do significado das partes.

O critério (c) não requer comentários, dada a explanação dos padrões, em seção anterior. Para avaliação do critério (a), considero, em termos morfológicos, a invariabilidade na ordem dos elementos da construção perifrástica e a impossibilidade de inserção de material interveniente entre *que* e *nem*. A aplicação desse critério aos dados de *que nem* revela que há fusão em 100% dos casos. Para avaliação do critério (b), que diz respeito à perda de traços da forma fonte, parto de informações etimológicas aliadas à consideração de três tipos de construções constantes no *corpus*, nas quais os elementos *que* e *nem* estão contíguos, mas não constituem perífrase. O propósito é recuperar indícios acerca do processo de emergência de *que nem* para então avaliar os aspectos de descategorização da forma fonte.

A multifuncionalidade de *que* (complementizador, pronome relativo, conjunção causal, comparativa, consecutiva, concessiva) é, como explica Câmara Jr. (1975), consequência direta de sua etimologia. Segundo ele, *que* resultou de:

"um esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo. Secundariamente, houve a convergência da evolução fonética da partícula de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*. (...) De tudo isso, resultou uma partícula multifuncional *que* para os mais variados padrões frasais". (Câmara Jr., 1975).

Nessa perspectiva, a questão que se coloca é a de saber que valor de *que* está em jogo para a formação de *que nem*. Quanto à etimologia de *nem*, derivado do latino *neq*, a forma nasalada *nem*, no português medieval, apresentou os valores de inclusão, exclusão, e alternância: *e, e também, não, tão pouco, ou* (Magne, 1944), valores que se refletem nos usos contemporâneos adverbial (de negação) e conjuncional (adição e alternância). Esses fatos etimológicos são revelantes, uma vez que se compatibilizam com os resultados de Stassen, que apontam as aditivas, alternativas e negativas entre as possíveis fontes das construções modo-comparativas. A seguir, apresento as construções em que *que nem* não constitui perífrase:

(i) *Complementizador + negação*

- (26) Falou **que nem** sabia dirigir (AC:006)
- (27) Acho **que nem** sei se levou a carteira (AC:072)
- (28) Acho **que nem** tinha assistência (AC:084)

(ii) *Relativo + negação*

- (29) Tem um monte de coisa **que nem** dá pra ver (AC:014)
- (30) Cuida o meu filho **que nem** é filho dele (AC:062)
- (31) Ele tem nas mãos uma tecnologia **que nem** se sonhava que fosse existir (AC:148)

(iii) *Consecutivo + negação*

- (32) Foi tão mais forte **que nem** ela tava entendendo (AC:106)
- (33) Era tão forte **que** eu **nem** percebi a luz (AC:152)

A sintaxe de (i) não apresenta relações com as construções de *que nem*, nela o complementizador *que* encaixa orações e o advérbio de negação *nem* escopa os verbos. Contudo, são diferentes os cenários de (ii) e (iii), que apresentam paralelos interessantes com *que nem*. A construção relativa em (ii) permite levantar uma hipótese explicativa para a constituição de *que nem*, segundo a qual a contiguidade entre o relativo e o advérbio de negação teriam favorecido a



reorganização sintagmática, que implicou a perda da foricidade do pronome relativo (PR), que deixou de retomar o antecedente nominal (SN), e o esvaziamento da semântica negativa de *nem*, tão fundamental para permitir a construção do sentido modal. O Esquema 4 é ilustrativo por cotejar a suposta estrutura fonte e estrutura reanalisada, com suas respectivas interpretações:

ESTRUTURA	INTERPRETAÇÃO
<p>Fonte: [um monte de coisa]<sub>SN</sub> [que]<sub>PR</sub> [nem dá pra ver]<sub>OrNeg</sub>                      Reanálise: [um monte de coisa]<sub>SN</sub> [que nem dá pra ver]<sub>OrModal</sub></p>	<p>Um monte de coisa não dá pra ver                      Um monte de coisa como dá pra ver</p>
<p>Fonte: [o meu filho]<sub>SN</sub> [que]<sub>PR</sub> [nem é filho dele]<sub>OrNeg</sub>                      Reanálise: [o meu filho]<sub>SN</sub> [que nem (é) filho dele]<sub>OrModal</sub></p>	<p>O meu filho não é filho dele                      O meu filho é como filho dele</p>
<p>Fonte: [uma tecnologia]<sub>SN</sub> [que]<sub>PR</sub> [nem se sonhava existir]<sub>OrNeg</sub>                      Reanálise: [uma tecnologia]<sub>SN</sub> [que nem se sonhava existir]<sub>OrModal</sub></p>	<p>Uma tecnologia que não se sonhava                      Uma tecnologia como se sonhava</p>

Esquema 4: Hipótese para reanálise de *que nem* a partir de oração relativa

OrNeg: oração negativa

OrModal: oração modal

A construção consecutiva em (iii) também permite levantar uma hipótese explicativa para emergência de *que nem*. As consecutivas, do ponto de vista semântico, expressam uma consequência acerca da circunstância, da ação ou da qualidade veiculada na oração núcleo. Em geral, a semântica de consequência é fundada numa relação de intensidade, ou numa relação de modo, ou em ambas (Narbona, 1990)<sup>4</sup>. Do ponto de vista formal, mobiliza uma estrutura correlativa, com relações de dependência entre um *que* e antecedentes do tipo *tão*, *tanto*, *tal*, elementos que tipicamente integram comparativas de igualdade. Assim, consecutivas e modo-comparativas se aproximam tanto pela forma, como pelo significado. Como argumento adicional a esse paralelo, acrescenta-se o fato de que várias perífrases consecutivas são constituídas a partir de uma base lexical de significação modal como, por exemplo, *de maneira que*, *de modo que*, *de forma que*. Narbona (1990) declara que o parentesco, além de semântico-formal, é histórico:

“Hay, pues, un evidente parentesco (histórico, formal y semántico) entre las *consecutivas de intensidad* y las comparativas de igualdad

<sup>4</sup> Segundo Narbona (1990, p. 76): consecutivas de intensidade (*La vida está tan bien arregalada, tan bien calculada, que las cosas se hacen maquinaalmente*); consecutivas de modo (*Explica las cosas de forma que todos se enteran perfectamente*); e mistas (*La nueva sociedad se ha constituido de tal manera que no va a durar ni un mes*).

(...) La ‘consecuencia’ derivaría de una comparación implícita con un elemento – ideal y no definido ni explícito – al que se le asignaría o atribuiría la base de la comparación como rasgo o característica propia. (...) “. (Narbona, 1990, p. 78)

Para a derivação de *que nem*, estariam em jogo a conjunção consecutiva *que*, e *nem* na função de operador argumentativo, equivalente a *tão pouco*. Com base no Esquema 5, que ilustra a segunda hipótese explicativa, a reanálise da consecutiva implicaria a desvinculação da conjunção *que* de seu correlato intensificador *tão*, e a posterior vinculação com *nem*. A estrutura consecutiva fonte comporta uma comparação hipotética (“tão mais forte que/como”), que é evidência para sustentar o trânsito entre as duas construções.

ESTRUTURA	INTERPRETAÇÃO
<p>Fonte:[tão mais forte] [que] [nem ela tava entendendo]<sub>OrConsec</sub></p> <p>Reanálise:[tão mais forte] [que nem ela tava entendendo]<sub>OrModal</sub></p>	<p>Tão forte que nem ela entendeu</p> <p>Tão forte como ela entendeu</p>
<p>Fonte: [tão forte] [que eu nem percebi a luz]<sub>OrConsec</sub></p> <p>Reanálise:[tão forte] [que Ø nem percebi a luz]<sub>OrModal</sub></p>	<p>Tão forte que eu nem percebi a luz</p> <p>Tão forte conforme percebi a luz</p>

Esquema 5: Hipótese para reanálise de *que nem*  
a partir de oração consecutiva

OrConsec: oração consecutiva

OrModal: oração modal

Ambas as hipóteses explicativas arroladas acima encontram plausibilidade no estudo tipológico de Stassen (1985), que enumera, entre outras, as construções negativas, consecutivas e relativas entre as fontes preferidas para a gramaticalização de construções modo-comparativas.

## Conclusão

As construções com *que nem* têm um núcleo semântico-cognitivo comum que está nas relações modais. Em cada contexto sintático, a noção de modo se especializa e, só no domínio da hipotaxe, foram reconhecidos três padrões. No primeiro, *que nem* traduz o modo do conteúdo do predicado; no segundo, *que nem* traduz uma comparação por similaridade. Trata-se de uma construção essencialmente qualitativa, aproximativa e contrastiva, em que, mais do que propriamente comparar – como, por exemplo, *quiabo* e *nascimento do bebê*, exemplo (01), ou *Ronaldinho* e *criancinha*, exemplo (09) –, aponta, sobretudo, para as consequências que a comparação tem para a

expressão das intenções comunicativas e, conseqüentemente, para a construção dos sentidos. Num terceiro, *que nem* introduz um ato ilocucionário de conformidade, que frequentemente identifica a fonte da informação no eu ou no outro. No domínio da parataxe, *que nem* faz parte de uma construção em que a noção de modo, já mais desbotada, se refere a um modo de argumentar, baseado num tipo de elaboração: a exemplificação.

O trabalho mostrou um pouco da histórica de *que nem* pelo viés sincrônico. Parti de sentidos derivados, identificados no viés sincrônico atual, para buscar pistas para a reconstrução de etapas da gramaticalização de *que nem*.

### Referências bibliográficas

ANDERSEN, Paul Kent. *Word order typology and comparative constructions*. Amsterdam: Benjamins, 1983.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1975.

CUZZOLIN, Pierluigi; LEHMANN, Christian. "Comparison and gradation". In: *Morfology: an international handbook on inflexion and word-formation*, vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 1212-1220.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HASPELMATH, Martin; BUCHHOLZ, Oda. "Equative and similitive constructions in the languages of Europe". In: AUWERA, Johan van der (org.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlim / Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1998, pp. 277-334.

HEINE, Bernd. "Grammaticalization". In: JOSEF, Brian; JANDA, Richard (orgs.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

HEINE, Bernd.; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Studies in the evolution of language. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antonio. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 2.1, dezembro de 2001.

KORTMANN, Bernd. "Adverbial subordination: a typology and history of

adverbial subordinators based on European languages". *Empirical approaches to Language Typology*, 18 Berlim / Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. *Gramaticalização da perífrase conjuncional* só que. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. “‘Vai que eu engravidado de novo?’: gramaticalização, condicionalidade e subjetivização”. Frankfurt am Main, *Lusorama*, 81-82, pp. 135-150, 2010.

MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal: Glossário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MARTIN, James; MATTHIESSEN, Christian; PAINTER, Clare. *Working with functional grammar*. London / NY: Auckland Arnold, 1997.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. “A origem da locução conjuntiva ‘do que’”. *Estudos Filológicos: homenagem a Serafim da Silva Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912 [1948].

NARBONA, Antonio Jiménez. *Las subordinadas adverbiales impropias en español*. Málaga: Editorial Librería Ágora, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PRICE, Susan. *Comparative constructions in spanish and french syntax*. Londres: Routledge, 1990.

SOUZA, Caio César Gonzales. Flutuação e gramaticalização nas construções com *que nem*. Relatório de estágio de iniciação científica, mimeo, 2010.

STASSEN, Leon. *Comparison and universal grammar*. Blackwell Publishing, 1985.

\_\_\_\_\_. “Comparative constructions”. In: HASPELMANTH, Martin; KÖNIG, E; OESTERREICHER, Wulf; RAIBLE, Wolfgang (orgs.). *Language Typology and Language Universals: an International Handbook*. Berlim: Walter de Gruyter, 2001, pp. 993-997.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ULTAN, Russel. “Some features of basic comparative constructions”. *Working papers on language universals*, Stanford, 9, pp. 117-162, 1972.

## Resumo

Neste trabalho, analiso aspectos da constituição e do uso do juntor *que nem*, em dados da modalidade de enunciação falada do português. A questão maior é mostrar que a inserção de *que nem* no paradigma dos jutores, por meio de processos de gramaticalização, resulta em quatro novos padrões funcionais, que refletem uma rede de parentesco semântico no domínio das relações modais. As construções com *que nem* são descritas a partir do pareamento entre forma e significado, com o propósito de defender que arquiteturas sintáticas diferenciadas contribuem para a interpretação da polifuncionalidade semântica de *que nem*; e que as fontes sincrônicas do português ajudam a desvendar etapas do processo de reanálise de *que* e *nem*, tendo em vista as tendências diacrônicas sobre mudança de jutores nas línguas (Kortmann, 1997).

**Palavras-chave:** gramaticalização; junção; polissemia; relações modais

## Abstract

This work analyzes aspects of the constitution and use of the juncture *que nem*, in data from Brazilian Portuguese spoken modality. The major issue is to show that the insertion of *que nem* into the paradigm of junctures, through grammaticalization processes, results in four new functional standards, which reflect a net of semantic 'kinship' in the dominion of modal relations. Constructions with *que nem* are described from the pairing between form and meaning with the purpose of advocating that differentiated syntactic architectures contribute to the interpretation of semantic polyfunctionality of *que nem*; and that synchronic sources of Brazilian Portuguese help unveil stages of the reanalysis process of *que* and *nem*, in view of the diachronic trends on juncture change in languages (Kortmann, 1997).

**Keywords:** grammaticalization; junction; polysemy; modal relations